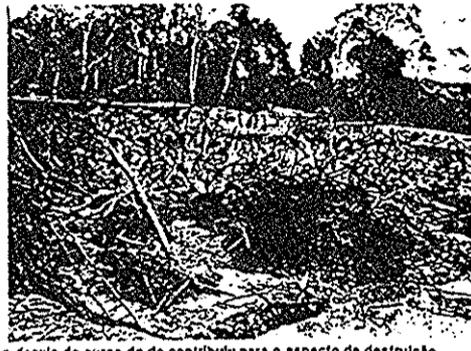


INSTITUTO  
Desenvolvimento  
Agarta  
14/1/97  
173



Crateras gigantes de 20 metros de profundidade, marcas da ação predatória na área indígena, castigada anos a fio pelo uso do mercúrio: o desvio do curso do rio contribuiu para o aspecto de destruição

**Saldo da destruição**

A Fundação Estadual do Meio Ambiente não tem ainda uma dimensão exata dos prejuízos à natureza por conta do garimpo na Reserva Indígena Sararé. Sabe-se que mais de 40 por cento de todos os 67.420 hectares foram devastados, formando um cenário de destruição

# Garimpo devastou mais de 40% da reserva

Enviado Especial

Em busca da riqueza palpável, de cor amarela, os garimpeiros destruíram mais de 40% de toda a Reserva Indígena Sararé, que possui 67.420 hectares. A devastação está por toda a parte. Vista do alto, quase não se percebe o tamanho exato da devastação na reserva. Mas, andando pelos garimpos, o cenário é desolador. As crateras gigantes deram lugar ao que antes era uma floresta fechada. Hoje, o lugar com buracos enormes de mais de 20 metros de profundidade, parece mais a superfície lunar.

Os técnicos da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Fema) e do Instituto Brasileiro de Recursos Renováveis Naturais (Ibama) ainda não sabem exatamente a proporção exata da degradação ambiental. A "febre do ouro", fez com que os garimpeiros desviassem o curso do

rio Água Suja e poluindo-o ainda mais com o mercúrio empregado na atividade mineradora. Em toda a extensão do rio, existem vários pontos desmatados pela força dos jatos d'água usados pelos "invasores".

A situação mais crítica fica no trecho que vai do garimpo "Ferrugem I" ao "IV". O que antes era uma mata fechada de grande extensão, hoje são crateras com mais de 20 metros de profundidade. Existem voçorocas de até 110 metros nos garimpos "Ferrugem II" e "III". Os garimpeiros desbastaram a primeira cobertura do terreno com jatos d'água gerados pelas moto-bombas, num processo que eles chamam de "debreio". Com isso, o solo fica mais fraco e árvores de 20 a 30 metros de altura desabam deixando à mostra profundas raízes.

A água barrenta usada na lava-

gem da terra e cascalho é despejada em meio à mata, e depois volta a ser usada no desbaste, um sistema conhecido na linguagem dos garimpeiros como "retorno". "Temos consciência que estamos acabando com o meio ambiente, mas nós queremos é ouro, moço", diz o garimpeiro Roberto Valsanelli, mais conhecido na currutela (cidade) do "Ferrugem IV" como "Betão".

Em média, segundo o Ibama, eram derrubadas 20 árvores de mogno e cerejeira. Além do garimpo, a reserva indígena também era o paraíso dos madeireiros. Foram eles que abriram estradas dentro da selva onde foram cravadas verdadeiras cidades, em busca de madeira nobre como mogno, seringueira e cerejeira. Somente nos anos de 1994 e 1995, o Ibama, Funai e Polícia Florestal apreenderam mais de 10 mil metros cúbicos de madeira, sendo que mais da metade foi leiloadas.

## Índios coniventes com extração

Enviado Especial

A extração de madeira dentro da Reserva Indígena Sararé tinha até mesmo a participação dos índios e de indígenas, conforme denúncias dos próprios madeireiros e garimpeiros. Em troca de "quinilhabarias", alguns "rãmbik-waras" permitiram a retirada da madeira. O "envolvimento" foi comprovado inclusive com o afastamento de funcionários do posto da Funai na área. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) estima que 80% de floresta continua no Vale do Guaporé também sendo desmatados. Sem fiscalização, milhares de metros cúbicos de madeira foram retirados à luz do dia. Paralelo à

"febre do ouro" na região, os madeireiros lançaram a sorte e se aventuraram em busca da madeira. A extração em grande volume fez com que nas décadas de 70 e 80 centenas de madeireiras se instalassem na região.

O superintendente da Polícia Federal, Cláudio Luiz da Rosa, admitiu em entrevista coletiva à imprensa na última sexta-feira que na reserva dos índios não existem mais madeireiros. No entanto, a reportagem de A GAZETA confirmou no sábado à tarde que a exploração continua. Na estrada que dá acesso ao garimpo "Ferrugem IV", um caminhão lotado de toras de madeira foi flagrado.

do, quando foi desagrada oficialmente a "Operação Sararé II" o barulho das motosserras se misturava ao dos motores das dragas e aos sons de pássaros e outros animais da mata.

O único projeto de recuperação ambiental das áreas degradadas pelos garimpeiros e madeireiros na Reserva Indígena Sararé nunca saiu do papel. O plano foi elaborado pelos técnicos do Pnud, Programa de Desenvolvimento Agroambiental (Prodeagro) e Fema, após a primeira desintrusão em 1993. Mas, foi "engavetado" por "motivos desconhecidos". O mesmo projeto, segundo a Fema, poderá ser implantado definitivamente assim que a Polícia Federal fizer a desintrusão da área. (N.F.)

## Garimpeiros escondem maquinário

Salda da reserva é cara. Muitos garimpeiros prometem voltar à área logo que PF sair do local

Enviado Especial

Milhares de garimpeiros estão deixando pacificamente a Reserva Indígena Sararé, em Pontes e Lacerda, a 540 quilômetros de Curitiba. Na esperança de retornarem assim que a Polícia Federal deixar a área, muitos estão deixando o maquinário escondido nas fazendas localizadas entre as cidades de Vila Bela da Santíssima Trindade e Nova Lacerda. Os policiais federais continuam na reserva para informar aos invasores que eles deverão deixar o local até o dia 15 deste mês.

O problema maior está sendo a retirada das máquinas dos 12 garimpos que já foram fechados pela Polícia Federal no último final de semana. A maioria dos garimpeiros alega que não tem condições financeiras para transportar o maquinário até as suas cidades de origem.

Para retirar as máquinas das áreas de exploração do mineral até o garimpo "Areal", o mais próximo de Pontes e Lacerda, distante 30 quilômetros da cidade, os proprietários de tratores cobram em



Majoria dos garimpeiros espera a saída da polícia para retornar

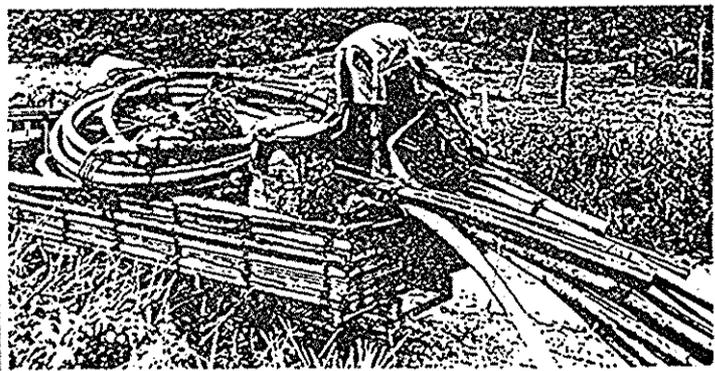
ouro. O preço do frete custa 20 gramas de ouro, o equivalente a R\$ 220,00 pela cotação de ontem da Bolsa Mercantil & Futuro.

A Fundação Nacional do Índio (Funai) está cadastrando os garimpeiros que não têm condições de pagar o frete para providenciar o transporte das máquinas. "Ninguém precisa se preocupar porque tem carro para levar todo o maquinário", ressalta o pesquisador e indigenista da Funai, Ariovaldo José dos Santos, questionando como os invasores tiveram condições de chegar até o garimpo e agora dizem não ter dinheiro para ir embora.

Na realidade, como aconteceu

na última desintrusão, no mês de julho, os garimpeiros querem ficar próximo de Pontes e Lacerda para retornarem à reserva. "Não adianta a Polícia tirar por que nós vamos voltar de novo. Essa é a nossa vida", lembra o garimpeiro Luiz da Silva, de Poconé, casado e pai de três filhos.

A preocupação das Polícias Militar e Civil é justamente com a "invasão" dos garimpeiros nas cidades vizinhas. Por enquanto, informou o delegado de Pontes e Lacerda, Nabor Fortunato, o clima está é calmo na cidade. Mas, depois do dia 15, ele acredita que a violência possa aumentar ainda mais no município considerado um dos mais violentos em Mato Grosso. (N.F.)



Muitos deles não têm condições de pagar frete pelo transporte dos equipamentos

## O outro lado da meia-noite

# Vida noturna farta no Sararé

De dia, a devastação; de noite, uma mistura de drogas, sexo, bebidas. Tudo como na cidade

Enviado Especial

A vida noturna no garimpo "Ferrugem IV", a currutela (cidade) encravada no meio da floresta mais populosa dos garimpos da reserva, tinha todos os ingredientes de uma cidade com infra-estrutura. Drogas, prostituição e sexo agitam os barracos de lona preta enquanto os pássaros emitem os seus sons. O tráfico de drogas era intenso, segundo a denúncia de um dono de farmácia no local que preferiu não se identificar. "Fui acordado várias noites para aplicar insulina em garimpeiro com convulsão", diz.

Personagens que vieram de várias cidades do interior de Mato Grosso e até mesmo de outros Estados arriscam a sorte e se aventuram no meio do mato em busca de um dos minerais mais nobres. Ilson Bezerra, 48 anos, casado, paraense de Itaituba, é comerciante e tinha um bar onde só vendia "pinga" e laranja. No sábado à tarde, apenas duas garrafas e as frutas estavam à venda em seu barraco. Ele já morou no garimpo "Castelo do sonho", no Pará, onde era amigo pessoal de Márcio Martins, um dos garimpeiros mais famosos que foi assassinado pela Polícia há 3 anos.

"Não sei o que vai ser da minha vida sem o garimpo. Eu gosto dessa vida no meio do mato. Acho que agora vou para Poconé", diz Bezerra, que morava no garimpo "Areal", enquanto desmontava o seu barraco.

Levados pelo sonho de ficar ricos do dia para noite explorando o mineral em qualquer lugar, os garimpeiros deixam as famílias em suas cidades de origem para lançar a sorte onde a notícia informa a existência de ouro em determinado local.

O pedreiro, pintor e encanador Jesus Soares da Silva deixou a sua



Ao anoitecer, a currutela se transforma: sexo e tráfico se misturam

família no bairro Alvorada, em Curitiba, para arriscar a sorte no garimpo "Areal". "Encaro o garimpo onde ele estiver. Tenho essa coragem para não passar fome", diz revoltado o garimpeiro-desempregado, que há três meses estava no local.

Os garimpeiros que não são donos de máquinas ganham em média 30% do ouro extraído durante o dia. Em cada máquina trabalham cinco pessoas. No final do dia, após a pesagem do mineral, cada trabalhador recebe 6% do total

produzido. A estimativa de cada garimpo é de uma produção que varia de 20 a 30 gramas de ouro por dia com 98% de pureza. Soamente na Reserva Sararé estima-se que por mês sejam extraídos mais de 350 quilos de ouro.

"É uma profissão dura, mas temos que encarar porque não sabemos fazer outra coisa", lamenta o garimpeiro de Marabá (PA), Antônio Carlos Lopes, que define sua profissão como sendo de "Taru". "A gente parece bicho, só vive de cavar, cavar, cavar..." (N.F.)



No calor da tarde, polícia aborda um garimpeiro; rotina